

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FÓRA D'AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

AS RETALIAÇÕES

Um dos symptomas mais pronunciados da gangrena politica dos actuaes partidos monarchicos é o das retaliacoes.

Quando um governo apresenta uma proposta e esta é atacada, qual é a defeza d'elle? Não é provando directamente a bondade da lei que offerece á approvaçao, mas dizendo aos contradictores—calem-se porque fizeram coisa igual ou parecida—. No parlamento a discussao é em geral, com rarissimas excepções, uma briga de comadres na qual se descobrem vergonhosas verdades. O jornalismo politico, como ser do mesmo meio, obra da mesma maneira. Ha poucos dias um deputado accusou um ministro de ter, para a aposentação de um empregado, contado o tempo que este servira como governador civil, administrador de concelho e commissario de policia! O jornal governamental defendeu o ministro dizendo que o partido do deputado accusador apoiara um ministerio que aposentou um empregado fiscal a quem se contou o tempo de serviço como escrivão do juiz de paz! Se isto é serio, se isto é uma razão boa, quando poderá um homem honesto rir ou escarrar?

Quem tem telhados de vidro, não deve atirar ao dos visinhos, é o preceito de cada partido politico, mas preceito que nenhum cumpre.

E' o —arrieiros somos, na estrada andamos—, de que usava um lente de mathematica da Universidade de Coimbra, celeberrimo pela tyrannia das suas classificações.

Este famigerado julgador dos conhecimentos academicos sollicitava de um collega de outra faculdade a approvaçao de um alumno condemnado aos terriveis R R R. — Mas é absolutamente impossivel, o rapaz é de gesso, e muito me admira que o collega sendo tão severo me venha pedir uma injustiça d'esta escandalosa ordem—reargui o sollicitado. Ande lá, ap-

prove-me o rapaz; uma injustiça não faz precedentes, e... arrieiros somos, na estrada andamos—concluiu o protector.

Succede, porem, que os nossos politicos entendem que uma injustiça faz precedentes.

Nas celebres discussões da concessão da Zambezia, do tratado de Lourenço Marques, e do caminho de ferro de Torres Novas em que os partidos regenerador e progressista se enleiam cada vez mais, a defeza fazia-se sempre pela formula grosseira—curar a mordedura do cão com o pelo do mesmo cão.—

Com este processo pastrano se prova uma unica coisa: que os partidos teem commettido os mesmos erros e delinquencias.

As retaliacoes são o monocolo por onde os politicos veem as questões. Ora o monocolo é petulante e degrada pelas rugas que obriga a fazer para segurar-o.

Uma retaliacao é a comborca de uma vergonha. E' documento de dois impudores.

Quando uma pessoa desce a retaliacao põe-se de cocoras. Rebaixa-se, fica inferior ao nivel da dignidade.

O uso que os partidos militantes fazem permanente e systematicamente das retaliacoes, demonstra evidentemente, que carecemos de homens e de doutrinas, e que os nossos politicos em vez de adoptarem planos positivos, claros e completos, se servem de rifeões de finorjo de aldeia.

CARLOS FARIA.

Respigando...

E' verdadeiramente impagavel esta gente da monarchia e a sua imprensa! São principalmente inimiteis no dislate, no cynismo e na incoherencia mais flagrante e puerilmente feminina que se possa conceber. Uma pequenina amostra:

O *Progresso* de 3 do corrente, na revista dos jornaes, transcreve da *Gazeta da Noite*, a respeito da celeberrima eleiçao de Mangualde: «E' para grande lastima e para grande vergonha, quanto se diz, e

que nos foi deixada pela esplendida civilisação romana, é a municipal.

A antiga cidade de Roma não era mais, nos seus principios, que uma municipalidade. O seu governo era o conjuncto de instituções, que conveem a uma população encerrada entre muros. Em volta de si existiam as pequenas cidades regidas do mesmo modo por principios democraticos, principios que não foram esmagados nem obliterados pela invasão ou conquista romana, porque Roma conservou em todas as terras conquistadas a sua organização municipal, de maneira que deu-se o espectáculo magnifico de um municipio conquistar o mundo. Ao terminar a republica, quando começava o despotismo dos Cezares, todas as liberdades se principiavam a extinguir e o regimen municipal soffreu, portanto, um golpe profundo na sua constituição. Ainda assim conser-

vo que parece, quanto se prova sobre o caso sujeito.

«Mas, afinal, com variantes ou agravamentos maiores e menores, é a historia das eleiçoes em quasi todos os circulos.»

E agora o realejo do *Progresso* commenta:

«Oigam, oigam, que esta revelação feita por uma folha regeneradora dos quatro costados, é preciosissima.»

Risum teneatis, amici!

Pois este palhaço pôde acreditar que alguem o tomava a serio? E vós, como fazeis, ó progressistas com articulações de caranguejo?...

Agora paraphraseamos e commentamos nós com o collo alçado e a fronte serena e a consciencia tranquilla:

Oigam, oigam, que esta revelação feita por uma folha monarchica, e órgão d'um partido que tem partilhado o poder e que espera partilhá-lo, é preciosissima.

E' d'um alcance e d'uma significação inexcitaveis!

Como vos enterraes, ó desgraçados intrujões!

O vosso amo Luiz deve mandar correr a chicote pelo ultimo dos lacaios tão desasados defensores da monarchia.

Vós minaes os alicerces do castello do vosso poder, escancarae a entrada á caverna do vosso tripudio, da vossa orgia e da vossa ladroeira e rapinagem.

Quem tivera vagar para vos desmascarar e vergastar, ó torpes arlequins, ó pantomimos sem vergonha, ó histriões da crapula, ó cortezaões do baixo imperio!

Quem tivera estomago que resistisse ao nojo de examinar as ulceras cancerosas, as pustulas noceras e asquerosas que vos corroem, ó lazarentos rafeiros da monarchia!

Pois algum homem honrado, independente e medianamente inteirado do andamento dos negocios do seu paiz, descerá a estabelecer paralelo e confronto, a discutir preferencias entre um e o outro corrilho monarchico?

Pois vós, progressistas, tendes o arrojo de apregoar moralidade, inteireza, honestidade, senso politico, tacto admistrativo, indepen-

vou-se bastante vigoroso durante toda a existencia do imperio, tornando quasi a voltar ao seu antigo esplendor, quando este se achava na sua agonia politica.

Uma das razões porque a Republica morreu foi a descentralisação que d'ella resultava e que era prejudicial, attenta a grande extensao de terras conquistadas, que trabalhavam pela sua libertação; mas o proprio imperio não poude consolidar a centralisação, porque começando o regimen municipal a crear de novo vigor, as populações das cidades, que não tinham homogeneidade entre si, não quizeram saber da vida geral da sociedade romana, importando-se apenas com a sua vida local, não obstante os esforços em contrario de Theodosio e outros. Assim, revivia o espirito local e o imperio achando-se abandonado de todos morria; porque não podia resistir ao embate dos barbaros.

dencia, e justiça com menosprezo dos vossos confrades regeneradores?

Mas se valesse a pena analysarvos, se nos não repugnasse pesarmos que resultado colheriamos?

Pois haverá tolice, maroteira, ineptia ou ladroeira que um tenha principiado e que não tenha recebido a conclusao, a sancção do outro?

Onde se delimitam os vossos programmas theoreticos e a sua traducção pratica? Pois todos vós não insultaes o rei quando opposição e não lhe lambes as plantas quando poder?

Pois todos vós não tendes cooperado para desgraçar o paiz, abusando do credito até o esgotar, vendendo e comendo os bens—immensos!— das ordens monasticas e ultimamente os passaes dos parochos, as remissões militares, o enorme rendimento das alfandegas, do fisco, das contribuições directas e indirectas, das innumeradas fontes de receita que um paiz tão favoravelmente dotado pela natureza tem podido supportar ainda que com grande sacrificio? Pois vós não tendes deixado no mais criminoso esquecimento as questões vitalissimas da prosperidade da patria? Não tendes todos descurado a questão da emigração para o Brasil, que todos os homens sensatos e amigos do seu paiz reputam uma calamidade nacional? Pois não tendes abandonado as nossas possessões ultramarinas, essas preciosissimas e impagaveis joias do paiz? Que tendes feito a hem d'esse mundo que nós lá possuímos fóra para d'elle podermos tirar tudo aquillo que elle se prestava a dar, 90 por 10 de despeza?

Pois alguem de vós pensou já mais que não fosse em arranjar-se e gosar, em arranjar os seus, e para isto em contrair emprestimos, em augmentar impostos, em fazer-nos passar por caloteiros, em preparar-nos a banca-rotta e o precipicio, em vexar o povo, em espelnhar o paiz?

E isto quando nos não daes o tristissimo e desmoralizador espectáculo d'umas eleiçoes a vinho, a dinheiro, a promessas, a ameaças, a toda a sorte de bandalheiras e de infamias... A vida intima do

Com a invasão d'estes, achou-se o municipio profundamente abalado nos seus fundamentos, porque não podia haver nada de definitivo e de estavel no meio d'uma sociedade nomada, sem estabelecimento fixo, que se movia ao sabor das suas paixões e das suas necessidades; todavia não morreu, principalmente por causa do clero, que se metteu a exercer as funções municipaes.

Quando pelo seculo X terminaram as invasões, ao norte pela opposição respeitavel dos povos ja fixados, nas margens do Reno, e ao sul pela consolidação dos arabes na peninsula iberica, começaram os habitantes do interior da Europa a descansar por sua vez, assentando as suas habitações no campo a fim de se darem ao cultivo do terreno.

D'este modo se formaram pequenas sociedades, que deviam necessariamente possuir um chefe,

cidadão é investigada, discutida, analysada, procura ndo-lhe brecha, investigando-lhe a falha por onde o possam forçar a urna depositar um bilhete cujo conteúdo ignora. O administradores de concelho, delegados do governo, promettem, as meaçam, tropeliam, até viciar, desfiguram e desmentir a representação nacional—que se deve cha mar da vontade do governo. Os parochos vão ao campo distrahir o seu parochiano da lide agricola, á noitá á lareira d'este, e se lá não o encontram, vão até á cama quando o infeliz tem a innocente malicia de se fingir doente para fugir a sollicitações importunas e fatigantes, e chegando o impudor d'estes galopins a torturar de tal modo o pobre eleitor simples e timorato que muitas vezes dão com elle doente seriamente... (Se fomos desafiados, provaremos.)

Não continuamos. O assumpto é demasiadamente ingrato. e mais alguma cousa.

EDUARDO ARVINS.

A EPOCHA DA DEMOCRACIA

Ha muitos seculos já que se travou a lucta, cujo resultado final para ninguem deve ser hoje duvidoso.

A face da philosophia todas as formas de governo se justificam, porque ellas são a corporisação do estado psicologico, das sociedades, porque são a traducção da ultima resultante da lucta intima, férvida, provocada pela heterogeneidade dos elementos que se agitam no meio social, porque ellas seguem o pendor natural da sociedade que tambem naturalmente se modela pela manifestação da Ideia que mais avulta e que é ás vezes o producto de largos seculos de gestação.

Assim justificam-se os governos despoticos, como os de transição, como os democraticos; todos têm as suas epochas, todos contribuem, ou contribuíram para o progredimento social. Mas desde que os povos lhes negam abertamente o apoio, desde que se manifesta incompatibilidade visivel entre elles e a tendencia natural das sociedades, devem immediatamen-

um senhor, e desde então data a fundação do feudalismo.

A esta palavra tudo se indigna, porque tomam o feudalismo como synonymo de violencia e estorsão, assim como d'aquí a alguns annos tudo se indignará á palavra monarchia por a tomarem tambem como synonymo de violencia e extorsão. Com effeito, monarchia e feudalismo assemelham-se por mais do um lado.

O governo feudal foi um governo logico e necessario depois da invasão dos chamados barbaros, assim como a monarchia o foi do mesmo modo. Estabeleceu-se por toda a parte, não se podendo subtrair a elle nem as communas, nem a Igreja, nem a propria realza; porque em seguida a um estado tão desorganizador, tão ambulante tão brutal, como o das invasões, só era possivel um tão centralizador como o feudal. O que mais caracteriza, realmente, o sys-

FOLHETIM

MONARCHIA E FEUDALISMO

Ao lermos a historia da civilisação antiga ficamos pasmados muitas vezes de terem sahido no esquecimento instituções brilhantes, cuja restauração é hoje, sem duvida, uma das causas das grandes luctas travadas entre a humanidade, luctas, que nos teem arrancado um a um os mais santos affectos da nossa alma e que nos teem feito deixar nas estradas pedaços sangrentos, rasgados pela ambição egoista e sordida dos torpeços agudos da sociedade, manchadas as nossas esperanças mais suaves e puras pelos excrementos nojentos, que se nos deparam nos caminhos. Uma d'essas instituções, sem contestação a mais bella de todas, e

e aban-lom r sem resistencia a arena onde completaram a sua existencia, n'outros tempos necessaria, agora perfeitamente dispensavel, e ceder o passo aos que com mais aproveitamento contribuam para a harmonisação dos elementos progressivos.

Nas sociedades rudimentares o primeiro aventureiro que levava a sua tribu a gloria nos campos de batalha arrogava-se o poder exclusivo de governar; os povos não tinham intervenção directa ou indirecta nos negocios proprios. D'aqui derivaram naturalmente os systemas absolutistas; e n'uma determinada epocha apresenta-nos a historia o typo dos systemas de governo, exclusivo em todas as nações.

Depois as sociedades desmantelaram-se n'um esphacelo inevitavel e, como a onda que se espraia na areia e depois recua e mais se avoluma, erguendo no espaço o seu vulto magestoso, ellas se reorganizaram com mais vigor, fundamentando as suas bases em novos moldes, com outra feição característica, com novo regimen governativo mais proprio á consecução do fim.

Em pleno reinado do feudalismo o clero dispunha d'uma força prodigiosa, a nobresa hombreaava com os reis e ambas as classes absorviam quasi completamente o poder central; depois, fossem quaes fossem as causas, o que é certo é que as cruzadas, o movimento separatista das communas, o seu progresso economico e commercial, a civilisação, a illustração emfim produziram um tal ou qual movimento nas classes e quando Mahomet II tomava Constantinopla todas as monarchias da Europa se erguiam com o poder enorme que conservaram até que o camartello demolidor da Revolução lhes fez comprehender que o seu papel na governação publica finalisára alli e que a direcção da sociedade pertencia de futuro ao povo — não já o terceiro estado dos tempos medievales, mas a re ultante da estreita união de todos os associados.

N'esta epocha apresenta-nos a historia o typo dos governos democraticos, ainda não generalisado, mas destinado em breve a substituir as monarchias, que trazem a sua origem da Edade Medea. A estas pertence alcançar a comprehensão de que não devem violentamente estar de posse do governo que se não pôde alcançar pela hereditariedade, mas compete exclusivamente á nação — unica entidade a quem pertence a gerencia dos negocios em todos os ramos da publica administração. Aquella esaropapia do norte — a Russia — que pretende tomar o passo á evolução pela força das suas baionetas nada mais tem conseguido que por em relevo o cadaver ensan-

guentado de Alexandre II e uma nodosa de sangue nas paginas da sua historia. São frisanotes os exemplos e muito para acatar.

As monarchias constitucionaes são a formula da transição operada entre as monarchias puras — do governo d'um só — e a democracia — o regimen que a todos concede intervenção immediata nos negocios publicos.

Sente-se por toda a parte uma agitação febril, um referver marulhoso na vida social que bem pôde traduzir-se pela má vontade ás formas de governação hereditaria. O nosso paiz não é extranho a este estado particular; vota uma aversão cordeal á monarchia inepta, corrupta, esbanjadora, sem elevação de pensamento, que subjuga o povo pela ignorancia a que o condemnou, pelo abaixamento do nivel moral de que o não quer levantar.

UM BAILE NA CORTE

A essa multidão, hypocrita, villã,
Que traz no santo corpo a alma de Satan
Raça que vive á noite e que se furta ao dia,
Que adora simplesmente o deus Hypocrisia,
Que nega o proprio pai, que vende a sua irmã
A quem lhe lançar mais; a ella a cortesã
Abriram-se os portaes do velho palacete,
Os servos de librê entõam em falcete
As historias degradantes, libertinas
D'aquellas vãs Imperias, d'estas Messalinas
Que vendem nos salões escandalosamente
A propria consciencia, o coração ardente,
A alma corrompida, o peito maculado,
Um seio impudico, um corpo escalavrado.
Os dandys de casaca, os louros fidalguinhos
Pedem ao Champagne e aos generosos vinhos
A fina inspiração alcoolica, etherea
Que vão depositar nos labios d'uma Imperia.
A orchestra principia em gritos d'Offembach
O lubrico festim, o infernal ataque
A honra e ao pudor.
E vão cobardemente
Os condes e os barões — essa fidalga gente
Roubam o aureo brilho ás pombas d'alvorada.

Corria assim a festa ás trez da madrugada!
Havia em toda a casa um solto desalinho
Um mar de embriaguez, uns cerebros de vinho,
Um sentimento falso, estolido, impolluto
Feito de strichnina, cheio de escorbuto!
Ellas tinham já a lividez morphetica
Na tez apalisada e alegria sceptica
Nos labios sensuaes pintados de carmim...
Faziam recordar bopecos de Kaolin!
Lá não vive o amor. Campeia atroz cynismo
Envolvido só no louco sensualismo...
Crepitam beijos maus, retinem copos mil
No grande turbilhão, na bachanal febril,
Cancans desenfreados dançam doidamente
Até que o Madeira os tomba finalmente.
E ao ver esta orgia torpe, dissoluta
Eu disse dentro em mim:
E isto que recruta
É isto que transforma os risos virginaes
Na verde podridão dos grandes hospitaes!

LISBOA — 1882. EGBERTO DE MESQUITA.

vantar, pelos favores e pelo cofre das suas graças aberto sempre de par em par.

E' opinião de todos os homens cordatos que a implantação de novos systemas governativos nunca se faça violentamente, senão que se espere pela expansão plena, completa das leis socio-dinamicas, o que o mesmo quer dizer, pela estabilidade. E' preferivel um governo derivado da evolução lenta, mas constante, da sociedade, ao nascido do entusiasmo caloroso, mas instantaneo da revolução.

As monarchias constitucionaes estão condemnadas a um desaparelhamento mais ou menos proximo e sem que n'ella intervenha a vontade popular expressa na voz da revolução; hão de cair depois de apodrecida a base, hão de tombar ao sópro do proprio desprestigio. Mas até lá muito suor do

povo ha de ser gasto nos esbanjamentos, na alimentação do ultimo lampejo da vida que á monarchia resta!

Oxalá que este apego excessivo á existencia não desperte o sentimento revolucionario adormecido no coração do povo portuguez.

A. M. T. A.

ESTATISTICAS

A fabrica da Vist'Alegre emprega cento e vinte e sete homens, vinte e cinco mulheres e vinte e sete rapazes. Os salarios variam conforme a natureza do trabalho, mas regulam por 600 a 18000 rs. diarios na repartição de pintura e por 300 a 400 rs. diarios nos outros trabalhos. Os aprendizes teem a modica quantia de 120 rs. por dia. O trabalho dura de sol a sol, com o descanso do costume, excepto no serviço de moagem, que é incessante, revezando-se os operarios de 6 em 6 horas. Como se vê, os salarios não são lá muito elevados, mas isso succede desgraçadamente em todas as fabricas.

Pode-se mesmo affirmar que a da Vist'Alegre é d'aquellas que pagam melhor. Assim, por exemplo, a Companhia de Fiação e Tecidos d'Alcobaça paga, termo medio, 200 rs. aos homens e 140 rs. ás mulheres e creanças. A Fabrica de Fiação e Tecidos de Torres Novas que emprega 403 operarios, paga aos homens de 260 a 460 rs., ás mulheres de 120 a 140 rs. e ás creanças de 40 a 80 rs. A importante fabrica de Castanheira de Pera, pertencente á familia Alves Bebianno, que emprega 500 operarios, paga aos homens de 300 a 400 rs., ás mulheres de 100 a 300 rs. e ás creanças de 100 a 120 rs. Não pretendemos comparar os salarios das diferentes fabricas, porque os industriaes não são os mesmos; só queremos demonstrar o atrazo em que isto se acha. Atrazo industrial, porque muitas fabricas não podem, ainda que queiram, pagar mais, e atrazo moral, porque outras podendo fazel-o, não o fazem, especulando miseravelmente com a miseria dos operarios, que pelo seu lado, em virtude de falta de illustração e do conhecimento dos seus direitos, se não sabem impor aos capitalistas usurarios, taes como um visconde de Daupias e outros, que tem feito fortunas enormes á custa da má remuneração do trabalho.

A fabrica da Vist'Alegre possui uma machina de vapor Racheley da força de 14 cavallos, que move 10 mós para moer as materias do fabrico. Consome aproximadamente 6:000 kilogrammas de massa por semana. Tem 5 fornos

para coser a louça, dos quaes só um trabalha a carvão, dirigido por um mestre francez, que vence rs. 15200 diarios. Os quatro fornos de lenha consomem d'este combustível de 7 a 8 contos de rs. annuaes e o de carvão 320 toneladas de carvão mineral a 65200 rs. cada tonelada, o que prefaz a quantia de 2:000:000 rs. por anno. O valor da producção tem sido o seguinte:

1860	21:949:5000
1870	26:994:5000
1880	49:750:5000

Apezar do augmento de producção ter sido sensivel nos ultimos dez annos, a fabrica achase, como já dissemos, bastante atrazada. Uma das causas, porque o actual director merece os nossos louvores, é a obrigação que impoz aos operarios de frequentarem a aula de ler, escrever e musica.

Honra lhe seja.

CARTAS

Lisboa 22 de março.

Não sei, franchamente, o que hei de dizer hoje aos leitores do Povo de Aveiro. Lisboa continúa na sua sensaboria do costume. O que nos vale, ainda assim, são as folices do sr. Arrobas, porque nos divertem um pouco.

Ha muita gente que embirra solememente com o governador civil da capital e que pasma d'um homem d'aquelles occupar um lugar importante na nossa vida politica. Eu, nem embirro com elle, nem pasmo da sua posição social. Não embirro, porque o acho um homem utilissimo, um dos destruidores mais importantes da monarchia portugueza. Porque, os disparates de sua excellencia valem realmente muito mais do que se pensa. Elle julga-se um sustentaculo do Paço, um homem notavel pela sua energia, um novo Costa Cabral, e assim é apregoado pelos jornaes sustentados pelo dinheiro da policia, mas no fim de contas não passa d'um insignificante. Nem mesmo n'este paiz já pode haver uma perseguição enérgica e tenaz, porque faltam os caracteres. Uma perseguição forte, violenta, como aquella de que foram protogonistas os Costa Cabraes, só apparece nas sociedades em que ha convicções, em que ha força, em que ha, até, uma certa lealdade e honradez da parte dos perseguidores. Ora a sociedade portugueza já chegou ao ultimo grau d'abejeccão, e é por isso que eu não pasmo de ver governador de Lisboa um Arrobas. O Costa Cabral, a quem elle se quer comparar, era um homem de muito merecimento á parte os

mestica adquira uma grande preponderancia e nascendo d'ahi a importancia, que a mulher começou a ter na sociedade. O cavalleirismo, as bellas accões de honra, a lealdade, a valentia, tudo quanto constituiu a antiga cavallaria tomou a sua origem no feudalismo. Então nasce tambem, com as trovas dos castellos, com as lendas da Terra Santa contadas pelos trovadores ao som dos atafés, a litteratura. Os primeiros prazeres intellectuaes, os primeiros arrojos da imaginação, as primeiras tentativas poeticas lá surgiram dos castellos. Finalmente, havia no feudalismo, pelo menos, honra, brio, caracteres, que tão raros são hoje.

A familia toma então um desenvolvimento moral consideravel. O castello encerrado no seu castello, vivendo só com a mulher e filhos, partilha com elles todos os seus interesses, todas as suas affeições, todo o seu destino, fazendo assim com que a existencia do-

tema feodal é a sua centralisação suffocante. O castello encerrado no castello com sua familia absorvia todas as actividades individuais, que obravam só para elle, não consentindo que ellas se desenvolvessem em proveito proprio. A liberdade individual era nulla do mesmo modo. O castello castigava, premiava, legislava, fazia a guerra com a sua gente, era o senhor absoluto e despótico. A unica cousa nobre e levantada, que os barbaros trouxeram á Europa central e occidental foi um magnifico sentimento de liberdade individual. Ora este sentimento não estava esquecido no coração dos colonos e servos, e deveria concorrer poderosamente para elles se revoltarem contra o senhor. Apezar da posição d'este lhe produzir a impressão de uma superioridade, elles não podiam deixar de notar que era duro trabalharem apenas para uma familia, que os explora-

va cruelmente, e por isso odeiam-na. Tendo-se a vida encerrado nos campos, agrupando-se as populações em volta do castello, ficaram as cidades quasi abandonadas e o espirito municipal extinguiu-se. Quando, porém, começou a reacção contra os feudatarios, o povo abandonando os campos acolheu-se á cidade, a quem pedia auxilio, e a população d'esta augmentando, deu-lhe força e poderio. Aqui principiam as communas a desenvolver-se e a soffrerem por isso a perseguição dos senhores, que vinham roubal-as, o que deu lugar a uma resistencia tenaz por parte d'ellas. A revolução communal completada no seculo XII, foi o golpe mais profundo dirigido ao feudalismo. Nessa lucta tremenda travada entre o povo e os senhores feudales collocou-se o rei, que era o primeiro dos suzeranos, quasi sempre do lado do povo, para es-

magar os seus rivaes. Quando o povo comprehender perfeitamente a liberdade collectiva e a liberdade individual, eliminará o ultimo dos senhores, que é o rei. Se percorrermos hoje as terras de Portugal reconhecemos com admiração, o estado de desanimo, em que ellas se acham. Não teem vida nenhuma, porque agora, como no tempo do feudalismo, o poder central tudo absorve e tudo sophisma. Ha ainda nas populações muita gente, que julga que o rei é senhor de vida e morte sobre ella, como nos bons tempos antigos. O municipio não tem independencia nenhuma, porque o governo elimina-lhe toda a liberdade. Falla-se com pompa nas eleições populares, quando o rei juncto aos corpos electivos, colloca outros de nomeação sua. D'antes reuniam-se os habitantes ao toque do sino nas praças publicas e ali elegiam socegadamente os seus representantes na

communa, e hoje, apezar da celebre phrase do illustre philosopho francez — *Le monde marche* — o povo elege quem o administrador do concelho e o governador do rei desejam. Se as cidades entenderam que era indigno o juço dos senhores feudales, porque o não entendem do mesmo modo presentemente as grandes collectividades? Se os antigos tinham a independencia local, porque não a temos de ter nós tambem passados seculos? O feudalismo, apezar de ser como a monarchia um governo prejudicial, não deixou de ter as suas excellencias, mais do que esta.

A familia toma então um desenvolvimento moral consideravel. O castello encerrado no seu castello, vivendo só com a mulher e filhos, partilha com elles todos os seus interesses, todas as suas affeições, todo o seu destino, fazendo assim com que a existencia do-

grandes defeitos que possuia. Tinha vida, tinha coragem, tinha arrojado e tinha força, o que vale alguma cousa. Era um dos tipos perfectos da nossa raça. Possuía a valentia e o ardor peninsular. Achava-se no meio d'uma sociedade que lutava ha muitos annos pelos principios politicos, que ainda não tinha chegado ao desanimo, á indolencia e á podridão que nos invadiu de 51 para cá. Na sua frente, combatendo-o atrozmente, não estavam os miseráveis especuladores de hoje, os ambiciosos corrilhos da monarchia, estavam caracteres como José Estevão, Passos Manuel, o que o elevava mais aos proprios olhos. Mas o Arrobos de hoje? Ora adeus, não passa d'um parlapató. Que tem feito elle? Disparates sómente, que enterram a monarchia em lugar de a levantarem. Isto digo eu imparcialmente, sem duvida de acrescentar, que todo o meu desejo é que elle se conserve no poder muito tempo. Perseguiu a imprensa republicana e quando todos julgavam que iria para a frente n'essa perseguição, por dignidade propria, recuou covardemente. Prendeu ha dias o sr. Magalhães Lima e d'ahi a duas horas mandou-o soltar, com grande magua do partido republicano, porque teve medo. Quiz suspender os guardas nocturnos, por serem mais sympathicos á população do que a policia civil, mas enguliu de novo a ordem, porque teve medo. Que importancia tem um homem d'estes? Coitado, pobre d'elle e pobre da sociedade em que vive. Ella está para elle e elle está para ella.

O governo vae tratando de arranjarr nichos aos amigos. Isto é, está com grande vontade de dar cabo dos taes 2:400 contos de impostos. Hontem fez votar na camara um projecto de lei elevando a 15 o numero de membros do Supremo Tribunal de Justiça, que eram até aqui 11. Temos por conseguinte mais quatro juizes, e como cada um d'elles ganha 2:433 rs., o augmento da despeza para o thesouro será annualmente de 8:532:000 rs.

Paga, Zé, e cala a bocca.

Na camara dos pares discutiram-se as reformas de fazenda. O sr. Henrique de Macedo disse o que nós temos dito muita vez, que Portugal é uma das nações mais tributadas do mundo. Demonstrou que os generos de maior consumo nas classes pobres são aqui muito mais tributados do que nos outros paizes. Provou ainda, que os impostos em Portugal augmentavam consideravelmente de anno para anno sem o tal deficit diminuir. Assim o operario está hoje onerado em mais 2:740 rs. do que estava em 1871.

E o povo crusa os braços!

Vão-se animando os trabalhos de preparação para a solemnização do proximo centenario do Marquez de Pombal. Tudo leva a crer que os festejos, se não forem eguaes aos de Camões como toda a gente crê, serão, pelo menos, bastante ruidosos. O governo não está resolvido a tomar parte n'elles, como já fez por occasião do tri-centenario de Camões. Então estavam no poder os progressistas, agora com os regeneradores dá-se a mesma circumstancia. Este facto é bastante significativo, pois mostra a grande separação que existe entre a monarchia e o povo. Diz-se mesmo que o ministro do reino responderá á commissão academica, quando ella lhe foi fallar, que *vra melhor deixarem-se d'isso*. Pois n'esse caso apanha a monarchia mais um *camudo*. O partido republicano, que sympathisa altamente com a *idea do centenario*, entra bertamente na sua solemnização. Tencionava promover um grande comicio anti-jesuítico, visto os feste-

jos pombalinos terem o caracter d'uma grande manifestação livre-pensadora. A esse comicio devem assistir delegados dos centros e da imprensa republicana do paiz, que tomarão parte n'um grande jantar, que se realizará em seguida e que será o primeiro em que todos os republicanos confraternisarão juntos.

Avante e não olhar para traz. X.

Expediente

Aquellas pessoas a quem enviamos hoje pela primeira vez o nosso jornal, rogamos o obsequio de, não querendo assignar, o devolverem á redacção com a maior brevidade e acompanhado com a cinta que o envolve.

Fazemos esta observação porque temos recebido alguns jornaes devolvidos, e ainda hoje ignoramos as pessoas que os devolveram, imaginando talvez que temos obrigação de adivinhar.

A desditosa Jessa Helfeman, cuja gravidez a poupou das mãos do carrasco, que diga se não é preferivel a morte rapida, instantanea, a uma morte lenta, compassada, n'uma masmorra horripilante, onde lhe infligiram os castigos mais barbaros que o inferno pode suggerir. Que o diga ella, que por vezes tentou suicidar-se, até que, exausta de forças para resistir a tantos soffrimentos, baixou ao nada, abençoando o filho que viu a luz do dia coada na penumbra do carcere de Schusselbourg.

Tiveste um triste prologo, infeliz creança. Uma prisão abafou os teus primeiros vagidos; porém se viveres, saberás vingar tua mãe, que foi martyr pelo amor á Liberdade.

O imperador da Russia não mandou assassinar aquella infeliz na praça publica, para satisfazer, dizem, a pedidos da imperatriz, mas fez-a succumbir na prisão aos effeitos de tormentos horribes.

Está salva a honra do czar!

A telegraphia trouxe-nos a agradavel noticia de que foram indultados por Alexandre III os dez nihilistas que estavam condemnados á morte. Mas quem sabe que novos tormentos lhes estarão reservados?... Ha torturas tão horribes que não valem a vida.

Não acreditamos nos bons instinctos do czar, e se lhe aprouve poupar a vida áquelles infelizes, só elle sabe os motivos que o moveram a isso. Seriam remorsos dos crimes passados?... Será a pressão moral da expectativa das nações civilizadas, que peza sobre elle? ou calar-lhe-iam no coração entumecido as expressões supplices e peremptorias do intermedio sincero dos que estavam prestes a serem supplicados?... Victor Hugo! Salvê!...

Apezar de extemporanea, vem a proposito publicarmos n'este numero a carta que Victor Hugo dirigiu ao imperador da Russia, intercedendo a favor das victimas a que acima alludimos.

Eis a carta: Passa-se alguma cousa de extranhamente novo nos fastos humanos. O despotismo e o nihilismo continuam em luta. Guerra terrivel do mal contra o mal, duello de trevas. Por um momento a explosão destruirá essa obscuridade, surgirá um instante de luz e far-se-há um dia de noite. E' horrivel. A civilização deve intervir. Eis o que se vê agora. Uma obscuridade illimitada, no meio d'essa sombra dez creaturas humanas, entre ellas

duas mulheres—duas mulheres!—condemadas á morte. Mais dez são voltadas ao sepulchro da Russia—a Siberia. Porque? Porque este supplicio? Porque essa tortura?

Reuniu-se um grupo de homens. Declaram-se constituído o "ato tribunal". Quem assistia a essas sessões? Ninguém. Nenhum espectador? Nenhum. Quem tirava as notas para as publicar? Ninguém. Mas os accusados? Também não estavam lá. Mas quem falla? Não se sabe! Mas os advogados? Não havia advogados. Mas que código citaram? Nenhum. Sobre que lei se apoiaram? Sobre todas e sobre nenhuma. E o que resultou d'ahi? Dez condemnados á morte. E os outros?

Que o governo nisso pense bem. E' um governo regular. Nada ha a receiar de um governo regular, de uma nação livre, de um exercito, de um estado legal e de um poder legitimo, de uma força politica. Ha tudo a temer do primeiro que chegar, de um viandante, de uma voz qualquer.

Perdão! Uma voz qualquer, de alguém, de todo o mundo, do immenso anonymo! Ouvir-se-ha essa voz. Ella dirá—Perdão! Em supplicio perdão na sombra. O perdão entre os homens é o perdão de Deus. Però perdão ao imperador para o povo. Quando não, pedi-rei a Deus perdão para o imperador!

Sublime!...

E' boa.

O vigario geral do bispado de Santarem ordenou que seja prohibida a entrada na igreja a um rapaz do lugar da Povoa dos Gallegos, por elle se ter casado civilmente, e que lhe valeu a tal excomunhão, a que nos referimos em o nosso numero passado. Este procedimento d'um padre na epocha actual é bastante original, caricato e inconveniente. Ou este sr. reverendo é pouco illustrado e sem criterio intellectual, ou então julga-se ainda nos tempos saudosos do rei chegoi.

Veda-se a entrada n'uma igreja a um cidadão casado legalmente á face das leis do seu paiz e não se expulsão então os sacerdotes indignos que vivem em descarada concubinação com as suas amantes.

Bellezas da religião catholica.

Do Primeiro de Janeiro.

Sabemos de boa fonte que ao pessoal do corpo n.º 8 da fiscalisação externa das alfandegas ainda não foi pago o ordenado correspondente ao mez de fevereiro. Dizem-nos—e facil é acreditar-se—que os pobres guardas que se acham em pontos de raia secca, longe de povoado, tem cordido fome durante muitos dias.

E' vergonhoso tanto desleixo! Indigna o nenhum cuidado que os pobres guardas merecem ao governo!... Nem o parco ordenado que vencem-lhe é pago com regularidade; e depois exigem com um cynismo revoltante que os pobres empregados cumpram strictamente com seus deveres.

A familia real, ministros, deputados e toda essa *troupe* anda paga em dia com certeza! Para a recepção do real primo appareceram os mil contos. Para a entrevista de Caceres não olharam as despesas, pois era uma vergonha para o rei de Portugal não se apresentar dignamente ao de Hespanha!... Por fora cordas de viola...

O conselho de districto já aboliu ha tempos o imposto do vinho para consumo particular nos concelhos de Ilhavo e Estarreja.

Perguntamos qual a razão porque não foi ainda excluida n'este concelho idêntica medida!

Por ventura não estará Aveiro justamente nos mesmos casos e em circumstancias eguaes ás d'aquelles concelhos? inda ha pouco tempo se fez uma representação á camara n'este sentido e a opinião publica já se pronunciou abertamente adversa a tal imposto.

Agora que nós esperavamos que

o conselho de districto se decidisse a cumprir com o seu dever com lealdade e justiça só vemos que se está fazendo politica e fisongeando conveniencias e interesses de dois ou tres em detrimento do bem publico.

Estes senhores da monarchia são todos assim. Nunca hão de ter dignidade nem independencia.

Quando se tracta de beneficiar o povo estão surdos, maticos e insupportaveis.

Quando tractam das urgencias de estomago então temos mudança de scenario.

Quem vos não conhecer!...

O Districto de Aveiro continua inutilmente a pedir providencias ao sr. ministro da fazenda contra uma subtração atrevida e indecentissima ha pouco praticada pelo delegado do thezouro de Coimbra, Corte Real, de combinação com o fiscal do real d'agua presentemente em Aveiro, Antonio Maria Alves da Roza, subtração descarada que leu sobre o direito e os interesses d'uns pobres guardas caes que até hoje ainda estão á espera que se faça justiça e que se cumpra a lei.

Pôde aquelle nosso collega pedir providencias e mais providencias, argumentar com direito e mais direito, apresentar a lei, reunir as provas e accusar com documentos, que de certo não será atendido pelo ministro enfatuado e olympico que está agora empenhado em matar o deficit em theoria para praticamente extorquir mais dinheiro ao povo.

Desengane-se o Districto. Os politicos monarchicos, os ministros serventuarios da realza nunca atendem á justiça que se pede ou á necessidade que se reclama, quando esses pedidos e reclames veem do povo. Estes homens cuidam immenso de si e só ouvem as queixas dos pequenos quando lhes faz conta.

Aprênda o collega a conhecer os e a despresal-os.

Approxima-se o dia 8 de maio, centenario do audacioso estadista portuguez Marquez de Pombal.

Não nos consta por enquanto que a camara municipal d'este concelho tomasse alguma deliberação seria e conducente para solemnizar esta data patriótica. Quando quasi todos os municipios do paiz já se tem manifestado n'este sentido, admiramos que a municipalidade d'este concelho ainda não desse nenhum signal de iniciativa e adhesão, associando-se com entusiasmo á ideia do centenario.

Tendo sido Aveiro elevado á categoria de cidade por influencia exclusiva do grande ministro de D. José, achamos um silencio indesculpavel e uma indiferença reaccionaria que a camara municipal d'esta terra não fosse a primeira a collocar-se na vanguarda d'um emprehendimento civico e altaneiro que honra a nação que o secunda.

Lamentamos, como filhos d'esta terra, que a camara municipal descurando da dignidade dos seus municipios esteja evidenciando a sua attitudo retrograda, jesuitica e anti-patriótica.

Chegou a esta cidade um atelier photographico ambulante, que se acha estabelecido na rua da Corredoura.

Chamamos a attenção do publico para este estabelecimento recommendavel pela perfeição dos seus trabalhos e modicidade de preços.

O sr. Arnaldo de Sousa Reis, que se acha á testa da photogra-

phia, tambem se incumbem de ir photographar a casas particulares.

Em Franca acaba de ser condemnado a oito annos de prisão um frade, professor d'um instituto escolar, pelo crime nojento de atentar contra o pudor de varias creanças menores. Este *santarrão* era tido em grande conta de santidade e de bons costumes pelos beatos e reaccionarios que agora se não cançam em apregoar a innocencia do hypocrita.

Este vae direitinho para o paraíso.

Deu hontem uma recita no Theatro da Praça Municipal uma *troupe* de curiosos, composta exclusivamente de academicos de Coimbra, em beneficio da Sociedade Philantropica d'aquella cidade.

O espetaculo constou de tres comedias e tres scenas comicas muito regularmente desempenhadas, correndo portanto na melhor ordem e com agrado do publico.

Por não haver espaço não nos alongamos mais em considerações.

Prevenção

Corrêa & Martins, negociantes da cidade do Porto e com casa filial n'esta cidade, rua do Caes n.º 24 a 27, previnem os seus ex.ºs. freguezes e ao publico que Simão Montetro de Carvalho deixou de ser seu caixeiro desde o dia 6 de Fevereiro proximo passado, o que fazem publico para os devidos effeitos.

Aveiro 24 de Março de 1882.

Realizou-se no domingo no theatro da Praça Municipal a assembleia geral requerida por varios accionistas e tambem a requerimento da direcção.

O fim principal da reunião tinha em vista interrogar seriamente a direcção pelos promenores deploraveis a que ella dera causa por occasião dos bailes de mascarar, nas noites de domingo e terça feira de entrudo. Em segundo lugar, por parte da direcção tractou-se de participar á assembleia que tendo a camara municipal, principiado uma construção n'um terreno contiguo ao theatro, ella a embargara por entender ser propriedade d'aquella casa e que portanto vinha buscar o consentimento da assembleia para proseguir na acção de revindicación. Sobre ambos os assumptos fallaram os srs. drs. José Maria Barboza de Magalhães e José Pereira de Carvalho e Silva; aquelle por parte da opposição e este a favor da direcção. O sr. Barboza de Magalhães fulminou as demasias e desmandos da direcção violentamente, com rigor, com justiça, com conhecimento de causa e até com certa virilidade de oratoria. Foi feliz e fluente na maneira franca e arrojada com que expoz á assembleia as imposições inqualificaveis de dois dos directores que monopolisaram em si attribuições alheias, constituindo-se arbitros exclusivos em questões para que não tinham a concessão dos accionistas. O sr. dr. José Pereira, apesar de defender aquella corporação lastimou no entanto que se estivessem a promover policias correcionaes que de nenhum modo illibavam a dignidade e o pundonor do offendido e antes pelo contrario prejudicavam e suggeriam feias consequencias. O sr. dr. José Pereira appellou frequentes vezes para a condescendencia e bohemia da assembleia. Dizemol-o affoitamente, se não fosse este senhor a direcção ficaria irre-

mediavelmente condemnada na opinião publica. Ella teve uma defeza desgraçada e massadora na pessoa do sr Cesar de Sá. Chegamos a cançar de ouvir s. ex.^a. Podia ter dito muito com muito mais brevidade, facilidade e desempenho.

De resto, a direcção não se defendeu, lastimou-se, a ponto de um dos srs. directores tornar responsável o povo d'esta terra pelos acontecimentos vandalicos do carnaval.

Venha mais essa irrisão. O povo é que é o ebrio, o desalmado e o desordeiro?!... E v. ex.^{as} o que são?

Em seguida o sr. Fernando de Vilhena mandou para a meza uma moção de censura.

O sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto pediu que se desse um voto de confiança á direcção.

Depois de alguma discussão foi votada a proposta do sr. Gustavo por 75 votos contra 40.

Terminou a sessão eram 4 horas da tarde.

Pedimos á camara municipal que mande nivellar com a calçada a pedra do cano de esgoto que está no fundo da viella do Correio.

Já varias pessoas que por alli tem passado de noite tem soffrido o incommodo da queda, felizmente sem consequencias desastrosas.

Portanto, é necessario remediar o mal com tempo e quanto antes.

ANNUNCIOS

EM AVEIRO

— NA LOJA NOVA —

DE

José Maria d'Oliveira Vinagre

PRAÇA DA FRUCTA

HA petroleo, por grosso, e sendo para revender, debaixo d'outro ramo, abate os direitos municipaes.

SINGER ALGODÃO

SINGER TORÇAL

FABRICADO expressamente para as machinas de coser. Vende-se a retalho e por atacado, com bom desconto e a preços baratissimos na

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 Rua de José Estevão 79.

AVEIRO

Ourivesaria

9 RUA DA COSTEIRA 9
1.º andar

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos, tanto em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras feitas n'este estabelecimento um preço modico.

Todas as encomendas devem ser feitas a

José Eduardo Mourão

Arrenda-se

Uma casa sita na rua de Santo Antonio com jardim e horta. A tractar com Antonio Ponce Leão Barboza, morador na rua do Espirito Santo.

CALÇADO DE LISBOA

A fabrica de calçado Gomes & Filhos, com depositos em Lisboa, Coimbra e Porto, estabeleceu a sua filial ambulante n'esta cidade de Aveiro, na rua do Caes n.º 48 e 49, em frente da feira, e retira depois de 15 de abril. Vende calçado para homens, senhoras e creanças, algumas qualidades per preços excessivamente baratos. Nos casos de falta previne-se de prompto, recorrendo aos depositos mais proximos do Porto ou Coimbra.

Incumbe-se de medidas e mesmo de encomendas para revendedores.

SINGER!

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril



— Rua de José Estevão, 26 e 28 —

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas legítimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a prestação de entrada, sendo o **500 reis semanaes** seu pagamento feito a

Todos os pedidos devem ser feitos a **JOÃO DA SILVA SANTOS**, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos
AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE LISBOA

— II, RUA DO CAES, 12 —

AVEIRO

GRANDE sortimento de lãs em todos os generos, cachemires, merinos, setins, malhas de lã, chapéus, passementarias, e todos os mais artigos pertencentes á classe de modas.

Preços sem competencia, e todas os artigos para liquidar.

Já recebeu um grande sortimento de chapéus de chuva tanto para homem como para senhora a começar em 500 réis até 4:500.

NOVO ESTABELECIMENTO

Crystaes, mobilia e mercearia

DE

JOSE MARIA DOS SANTOS

RUA DIREITA

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de cor, molduras douradas e pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candelieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

ANTIGA MERCEARIA

DE

FRANCISCO PAES

RUA DO ESPIRITO SANTO

Esta acreditada casa, cujo bom nome deve á seriedade das suas transacções, tem para vender uma variedade de vinhos finos engarrafados, de diferentes preços; manteiga nacional e ingleza; o famoso queijo flamengo de casca vermelha; genebra nacional e a verdadeira Fockink; assucares finos, crystalisados e mascavos, e muitos mais artigos

Os srs. consumidores encontram n'este estabelecimento todos os generos acima da mais escrupulosa qualidade e por um preço modico.

Encyclopedia

REPUBLICANA

Revista de sciencias e litteratura ao alcance de todas as intelligencias

Publicam-se duas folhas cada-semana, pelo preço de 20 réis cada uma. Para o estrangeiro e possessões ultramarinas acresce o porte do correio.

Para fóra de Lisboa pagamento diantado, um fasciculo de quatro entregas semanaes pelo menos. Toda a correspondencia deve ser dirigida para o largo dos Mestros, 29 e 30 Lisboa, onde tambem se recebem assignaturas.

Conselheiro

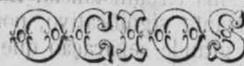
DO POVO

Manual Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunaes e repartições publicas, segundo as Leis do Reino.

Sabiu á luz o 1.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.



POR

ALVARO COUTINHO

Um volume em 8.º grande, edição nitida.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DE PORTO, LISBOA, E COIMBRA,

PREÇO 400 REIS.

SINGER! SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 réis semanaes



Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS

Vende-se algodões, torçoes, agulhas, oleo e peças soltas a preços baratissimos